

**“EM RIMA EU VOS CONTO, OS CANTOS DO NORDESTE”: ENSINO DE
HISTÓRIA E LITERATURA DE CORDEL**

Valéria Fernandes Oliveira Santos¹

Magno Francisco de Jesus Santos² Página |

104

RESUMO

A literatura de cordel também denominada de folheto, expressa cultura peculiar de erudição popular. Dentro dessa perspectiva, apresenta-se como um notável recurso didático, no ensino da História do nordeste. Dado que manifesta as diversidades sociais e problemáticas regionais, na visão de autores populares.

Palavras-chave: Literatura de cordel; ensino-aprendizagem; História e nordeste.

ABSTRACT

The dawstring literature also called flyer, expressed peculiar culture of popular learning. Within this perspective, it presents itself as an outstanding teaching tool in northeastern History of education. Given that expresses the social diversities and regional problems, in the view of popular authors.

Keywords: String literature; teaching and learning; History and northeast.

INTRODUÇÃO

Dentre as diversidades de conhecimento de um povo, a manifestação cultural ressalta a expressão natural e inata. A leitura de cordel apresenta de forma singular essa exteriorização de destreza e valores. Assim sendo, “A literatura de cordel tem sido expressivo meio de alfabetização e incentivo à literatura junto às populações [...] do Nordeste”.³

Nostalgia ao lembrar o antigo Mercado Municipal de Aracaju, cheiro característico, estrutura singular, cultural aflorada e povo trabalhador. Ao meio dessas especificidades,

¹ Aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade Pio Décimo.

² Orientador e professor do curso de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade Pio Décimo.

³ Cascudo LC. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10ª ed. ilus. São Paulo (SP): Global; 2001.

encontravam-se pendurados em cordas e pregadores, singelos livros ricos em rimas e prosas. Relatando as histórias, crenças, religiosidade, particularidades e características próprias do povo nordestino. A representatividade regional descrita por diversas visões, expondo experiências ilustradas com devoção, humor e/ou espírito crítico, com contextualização simples e xilogravuras. “Literatura de cordel são folhetos impressos assim denominados em Portugal porque estes livretos eram expostos em barbantes para venda”.⁴

A literatura de cordel pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica extraordinária, porque retrata a forma original, escrutinando a singularidade histórica nordestina. “O folheto é mais sucinto e direto, simplificando a estrutura dos períodos e privilegiando a ordem direta nas orações”.⁵

Assim como, revoluções e disputas travadas na região, expondo as ideologias da época. Para tanto, a literatura de cordel no ensino da história proporciona ao docente suscitar o senso crítico do aspecto histórico apresentado. No folheto sobre Antônio Conselheiro: O revolucionário de Canudos expõe de forma clara sobre o sofrimento do povo nordestino:

[...] O povo quer trabalhar
Ter seu pedaço de terra
Só não quer ser explorado
Ou viver fazendo guerra
Pois em briga com o rico
É o pobre que se ferra.

Assim falou conselheiro
Quando foi interrogado
Ouvindo esse pensamento
Deixou o povo animado
Pois mais de cem camponeses
Se postaram a seu lado.

Tendo o apoio geral
De toda a população
Ele convidou o povo
Para uma reunião
Pois ali era o começo
Da verdadeira união

Lutar ela liberdade
Contra o latifundiário,
Ali não deveria haver

⁴ Galvão Amo. Oralidade, memória e a mediação do outro: Práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização: o caso do cordel (1930-1950). Educação Soc 2002 dez; 23(81): 115-42.

⁵ ABREU, Márcia. "Então se forma a história bonita": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. Horizontes antropológicos. [online], vol.10, n.22, p. 205, 2004.

Patrão e nem operário.
Lutar pela igualdade
Estava em seu diário.⁶

Diante das expectativas almeçadas, espera-se alcançar a motivação pela literatura de cordel, no contexto histórico-cultural.

A literatura de cordel pode ser definida como patrimônio da cultura nordestina, na medida em que propicia o resgate histórico da cultura tradicional. Suas histórias, principalmente as mais antigas, foram contadas de gerações para gerações, o que relaciona esse tipo de literatura com a memória e com os registros das realizações humanas. Ela reflete as vivências, a imaginação, a fé, a devoção do povo nordestino e, por conseguinte, possibilita a investigação dos mais diversos processos culturais. Desse modo, podemos considerar o cordel como um espaço de vivências coletivas.⁷

A pesquisa apresentada trata-se de um estudo documental, de caráter exploratório. Visamos analisar e escrutinar os folhetos de Literatura de cordel, foram coletados cinco folhetos de Literatura de cordel, que retratam o aspecto histórico-cultural do Nordeste. Além disso, a análise de tais textos se deu a partir da pesquisa em artigos publicados em periódicos especializados.

1. O CORDEL NA HISTÓRIA

A literatura de cordel permite suscitar o deleite quanto ao ensino-aprendizagem da História, porque permeia o conjunto entre a cultura e acontecimentos históricos propriamente ditos, relevando o conhecimento popular. Segundo Oliveira, Rebouças e Pagliuca:

Além disso, como instrumento usado para se aprender a ler, estes folhetos devem contribuir para o conhecimento destas pessoas, ou seja, devem ser informativos o suficiente para transmitir devidamente as informações. Ao mesmo tempo, devem possibilitar a assimilação deste conteúdo e até sua discussão com colegas e familiares. Assim, as informações poderão ser apreendidas de maneira apropriada e verídica.⁸

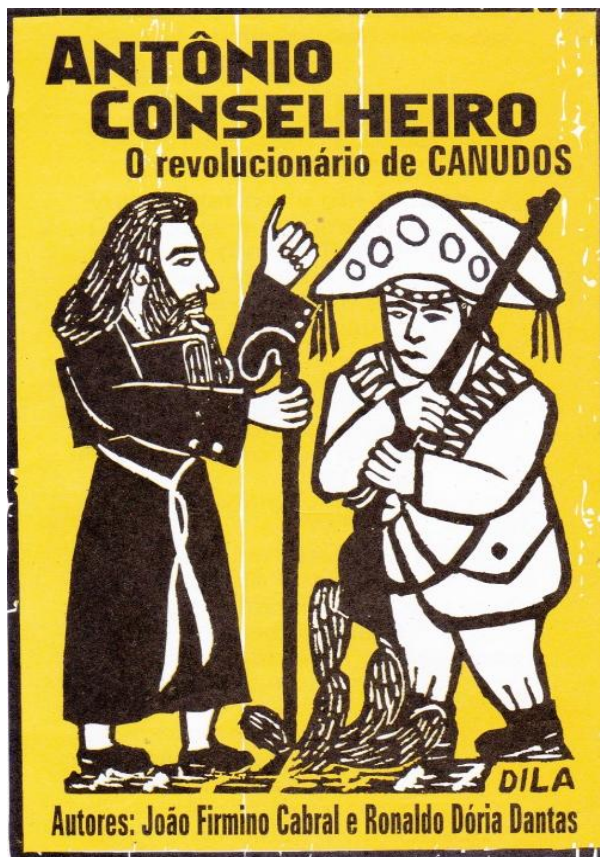
⁶ CABRAL, João Firmino; DANTAS, Ronaldo Dória. Antônio Conselheiro: O revolucionário de Canudos. Fortaleza: Tupynanquim, 2010, p. 3.

⁷ SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010, p. 308.

⁸ OLIVEIRA, Paula Marciana Pinheiro; REBOUCAS, Cristiana Brasil de Almeida and PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag. Literatura de cordel como meio de promoção para o aleitamento materno. Esc. Anna Nery [online]. 2008, vol. 12, p. 218.

FIGURA I⁹

CAPA DO CORDEL ANTÔNIO CONSELHEIRO E O REVOLUCIONÁRIO DE CANUDOS



“Em suas histórias escritas, de modo geral, os folhetos retratam a vida de cangaceiros, contextualizando disputas, assuntos diversos”.¹⁰ Em atenção ao processo de ensino-aprendizagem da história é relevante buscar múltiplas fontes para equiparar e a partir de então, construir a erudição propriamente dita. Tendo por exemplo, os folhetos de cordel como referência literária.

Sobre cultura Assis, Tenório e Callegaro explana:

A cultura é o que dá sentido a vida humana. Todo ser humano é dotado de cultura e esta é a sua essência. A cultura é construída na vida em sociedade e

⁹ CABRAL, João Firmino; DANTAS, Ronaldo Dória. Antônio Conselheiro: O revolucionário de Canudos. Fortaleza: Tupynanquim, 2010, p. 01-16.

¹⁰ OLIVEIRA, Paula Marciana Pinheiro; REBOUCAS, Cristiana Brasil de Almeida and PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag. Literatura de cordel como meio de promoção para o aleitamento materno. Esc. Anna Nery [online]. 2008, vol. 12, p. 218.

é pelo meio social que a transmitimos e a transformamos. As diferentes culturas interagem e a todo o momento revelam traços umas das outras.¹¹

Dado que a dimensão de cultura por Silva (Et al), no qual enfatiza a construção da cultura através de valores impregnados da coletividade. Dessa maneira os valores culturais são exteriorizados a partir da erudição popular.

A cultura consiste em tudo que o homem faz, seja pensamento ou ação. Ela se manifesta em todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, costumes, sistemas, leis, religião, artes, ciências, crenças, mitos, valores morais e em tudo aquilo que determina o modo de pensar e agir das pessoas. Isto é, ela compreende não só os aspectos visíveis, como a construção do ambiente, a arquitetura, a vestimenta das pessoas, a construção de habitações, como também os padrões de comportamento.¹²

No sentido de elucidar o conceito de cultura, mais uma vez, Assis, Tenório e Callegaro, consideram a vivência social como meio de modicar a expressão cultural.

Vimos que a cultura faz parte do ser humano e é desenvolvida na sociedade onde vive por meio da interação com outros indivíduos. Desta forma, cultura é o agir, pensar, viver, produzir, expressar e transformar de um povo.¹³

A leitura coletiva propicia a construção do conhecimento grupal, oportunizando assim um método lúdico de ensino-aprendizagem.

A literatura de cordel representa um recurso didático mais atrativo e mais dinâmico, uma vez que apresenta de forma lúdica diversos conteúdos do livro didático, por conta de diversos fatores, como, por exemplo: a rima, a arte, a ilustração (xilogravura), a musicalidade. E tudo isso, sem deixar de lado o contexto crítico desse recurso.¹⁴

Atualmente, buscam-se estratégias de ensino qualitativo na prática docente, deste modo, vale ressaltar a importância da memorização facilitada para a aprendizagem. Para a problematização pertinente, Abreu comenta:

A versificação é a mais fundamental das alterações introduzidas, pois acomoda textos produzidos no interior da cultura escrita aos padrões da literatura de folhetos, permitindo sua compreensão e memorização por parte

¹¹ ASSIS, Regiane Alves de; TENÓRIO, Carolina Martins e CALLEGARO, Tânia. Literatura de cordel como fonte de informação. CRB-8 Digital. 2012, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 4.

¹² SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010. p. 310.

¹³ ASSIS, Regiane Alves de; TENÓRIO, Carolina Martins e CALLEGARO, Tânia. Literatura de cordel como fonte de informação. CRB-8 Digital. 2012, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 6.

¹⁴ SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. 2010. p. 318.

das comunidades nordestinas, envolvidas em práticas orais menos ou mais marcadas.¹⁵

Mais uma vez, Abreu aponta método relacionado à leitura de cordel e a facilitação da aprendizagem:

Mais peculiar ainda é seu modo de ler, associando “leitura” e “memorização” – “Li um famoso romance/ decorei lance por lance”. Segundo essa concepção de leitura, recorrente entre os autores e leitores de folhetos, ler é deslocar os conhecimentos fixados no papel para a memória.¹⁶

“Transformar histórias em versos de cordel não significa apenas metrificar e rimar um texto; é fundamental, também, adequar a sintaxe e o léxico”.¹⁷ Considerando o contexto de ensino-aprendizagem faz-se necessário a atenção quando a aplicação dos vocábulos utilizados nas interpretações e construções dos versos de cordel, para melhor entendimento da história. Para tanto, o docente precisa buscar literatura de cordel que propicie a melhor assimilação do conteúdo exposto.

Segundo Abreu: “As falas do narrador aproximam os folhetos de narrativas orais em que ele se encontra frente a frente com o público e pode interromper o relato para externar suas opiniões, assim como fazem os ouvintes, louvando os heróis, criticando vilões [...]”.¹⁸ Desta forma, o lúdico predominará, no processo do conhecimento da História, permitindo a aprendizagem significativa.

FIGURA II¹⁹

¹⁵ ABREU, Márcia. "Então se forma a história bonita": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes antropológicos*. [online]. 2004, vol.10, n.22, p. 202.

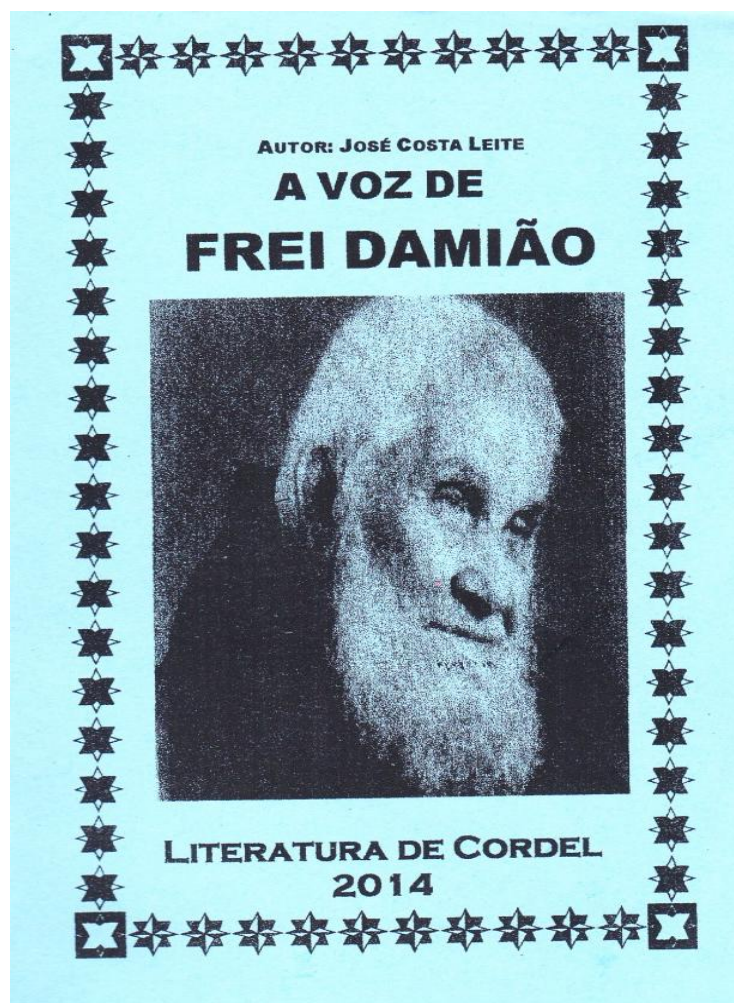
¹⁶ ABREU, Márcia. "Então se forma a história bonita": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes antropológicos*. [online] 2004, vol.10, n.22, p. 203.

¹⁷ ABREU, Márcia. "Então se forma a história bonita": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes antropológicos*. [online] 2004, vol.10, n.22, p. 203.

¹⁸ ABREU, Márcia. "Então se forma a história bonita": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes antropológicos*. [online] 2004, vol.10, n.22, p. 717.

¹⁹ LEITE, José Costa. *A voz de Frei Damião*. Fortaleza: [se], 2014, p. 01-08.

CAPA DO CORDEL A VOZ DE FREI DAMIÃO



O folheto em questão relata a história de Frei Damião, homem de Deus considerado o Santo do sertão. Professa a fé orientando com conselhos, batizando e clamando pelos filhos de Deus.

“Embora seja a literatura de cordel potencial fonte de informação e um meio de comunicação de linguagem acessível, ainda são poucas as bibliotecas que possuem folhetos em seu acervo. Seu potencial informativo deixa desta forma, de ser explorado”.²⁰ Infelizmente é uma realidade notória em nossas bibliotecas escolares, a falta desse material histórico-cultural, relevante para o conhecimento popular.

2. O CORDEL VAI À ESCOLA: USOS E ABUSOS NO ENSINO-APRENDIZAGEM

²⁰ ASSIS, Regiane Alves de; TENÓRIO, Carolina Martins e CALLEGARO, Tânia. Literatura de cordel como fonte de informação. CRB-8 Digital. 2012, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 4.

FIGURA III²¹

CAPA DO CORDEL SEU LUNGA O REI DO MAU-HUMOR



Relatado no cordel seu Lunga ficou famoso a ponto de passar em rede nacional, devido a seu mau-humor sem igual. Enfurecia-se com perguntas fúteis e desnecessárias.

A respeito da literatura de cordel, podemos enfatizar sua influência para a construção do conhecimento, tendo em vista à diversidade de componentes e o aspecto interdisciplinar.

Um dos pontos mais relevantes acerca desse tipo de literatura que destacamos aqui é a sua relação com a perspectiva interdisciplinar. A interdisciplinaridade consiste na junção de componentes curriculares ou áreas de conhecimento diferentes, tendo como objetivo a construção do conhecimento conjunto.²²

Os folhetos têm uma representatividade diversificada de procedência, dado que são abordadas ideologias e problemáticas pertinentes da população. Assis comenta:

²¹ RINARÉ, Rouxinol do. Seu Lunga O Rei do Mau-Humor. Fortaleza: Tupynaquim, 2006, p. 01-16.

²² SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010. p. 312.

A literatura de cordel se caracteriza por sua diversidade temática e torna-se atrativa por conta desta característica. Com isso, torna-se fonte informacional que abarca e percorre diferentes assuntos e áreas do conhecimento como, por exemplo, as áreas de [...], saúde, educação e publicidade”.²³

Tendo em vista a acessibilidade dos estudantes as informações dos conteúdos tratados nas literaturas de cordel, Assis, Tenório e Callegaro discutem a respeito do cordel como método facilitador de ensino, em razão da simplicidade da linguagem utilizada:

A abrangência temática do cordel e seu conteúdo, sempre alinhado ao saber científico, destacam-se. Transmitir informações acerca de assuntos delicados, como no caso da saúde, e que essas informações sejam entendíveis por qualquer pessoa independente de sua escolaridade ou classe social não é uma tarefa fácil. E isso o cordel faz com maestria.²⁴

Na literatura de cordel o influxo para criação, parte da existência que cerca o recorrente comum do povo. Desta forma, Assis, Tenório e Callegaro expõem:

Uma das principais características da literatura de cordel é que seus poetas buscam inspiração também no cotidiano e na realidade que os cerca. Por isso, o cordel é conhecido como o jornal do povo. Esta característica contribui para o registro de momentos históricos ou do contexto em que aconteceram esses fatos. O cordel contribui, assim, como fonte de informação histórica.²⁵

Por conseguinte, é explanada pelos autores a relevância do gênero literário: “[...] o cordel é realmente uma fonte de informação. E o que cremos ser mais importante: aprendemos a admirar e respeitar ainda mais este gênero literário”.²⁶

“Os leitores e ouvintes de folhetos importam-se com os conteúdos divulgados pela mídia, assim como têm interesse por narrativas eruditas, entretanto nada parece perfeito enquanto não está “rimado e versado””.²⁷ Nessa acepção, Abreu denota que o público receptor da literatura de cordel vale-se de informações atuais, todavia, envolve-se em referências narrativas poéticas. À vista disso, não é diferente acerca do que concerne entre os discentes e esse exemplo de narrativa pode torna-se parâmetro de aprendizagem significativa.

²³ ASSIS, Regiane Alves de; TENÓRIO, Carolina Martins e CALLEGARO, Tânia. Literatura de cordel como fonte de informação. CRB-8 Digital. 2012, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 15.

²⁴ ASSIS, Regiane Alves de; TENÓRIO, Carolina Martins e CALLEGARO, Tânia. Literatura de cordel como fonte de informação. CRB-8 Digital. 2012, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 17.

²⁵ ASSIS, Regiane Alves de; TENÓRIO, Carolina Martins e CALLEGARO, Tânia. Literatura de cordel como fonte de informação. CRB-8 Digital. 2012, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 17.

²⁶ ASSIS, Regiane Alves de; TENÓRIO, Carolina Martins e CALLEGARO, Tânia. Literatura de cordel como fonte de informação. CRB-8 Digital. 2012, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 17.

²⁷ ABREU, Márcia. "Então se forma a história bonita": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. Horizontes antropológicos. [online] 2004, vol.10, n.22, p. 200.

“Em geral, os folhetos fixam-se naqueles responsáveis pelas ações centrais”.²⁸ Diante desses aspectos Abreu apresenta a demanda em focar o conteúdo de forma direta e simples, consequentemente, a fixação e assimilação ocorrerão com excelência. Podemos relacionar a breve reflexão de Abreu com os pensamentos de Silva (Et al), que orientam quanto à diversidade de recursos didáticos no contexto para aquisição de conhecimento. “Atreladas ao processo de ensino-aprendizagem, elas têm por objetivo alterar a ênfase tradicional dada aos recursos didáticos, que muitas vezes, se restringem ao livro didático”.²⁹

Segundo Silva (Et al) um enfoque pertinente deve ser levado em consideração, quando ao preconceito a utilização da literatura de cordel em sala de aula, dado que a produção dos folhetos é impregnada de expressões populares. Todavia, rico em cultura e arte:

Outro aspecto que à alvo de controvérsia, no que concerne à literatura de cordel é o fato dela ser um gênero textual produzido pelo povo. Isto é, ela ainda enfrenta certo preconceito, por de ser um gênero de caráter popular, que carrega marcas da linguagem informal. Dito de outra forma, ela carrega traços da linguagem cotidiana, a qual não é uniforme e inclui inúmeras variedades.³⁰

“Os folhetos, [...] são pertinentes na medida em que podem contribuir para a educação da população sobre o assunto e, assim, intervir nele sob o aspecto social, econômico e político”.³¹ Assim sendo, é imprescindível a informação da realidade em que o aluno está inserido. Para enfatizar a reflexão anterior Silva (Et al) comentam:

A inserção dos temas transversais tem como objetivo propiciar condições para levar o aluno a superar uma visão restrita de mundo, na medida em que possibilita que ele compreenda a complexidade da realidade que o rodeia e, acima de tudo, propiciar uma aprendizagem significativa. E, para tal, inclui as questões sociais no currículo escolar. Isto é, desenvolve ações pedagógicas atreladas à realidade.³²

²⁸ ABREU, Márcia. "Então se forma a história bonita": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. Horizontes antropológicos. [online] 2004, vol.10, n.22, p. 207.

²⁹ SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010. p. 307.

³⁰ SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010. p. 310.

³¹ OLIVEIRA, Paula Marciana Pinheiro; REBOUCAS, Cristiana Brasil de Almeida; PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag. Literatura de cordel como meio de promoção para o aleitamento materno. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 2008, p. 218.

³² SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de;

A formação de cidadãos críticos é de relevância singular para uma sociedade atuante diante das problemáticas existentes. Partindo desse pressuposto, é válido analisar ao que concernem as xilogravuras apresentadas na literatura de cordel. De acordo com Silva:

As imagens emitem informações que envolvem fatos sociais. Por esse motivo, podemos considerá-las como um texto crítico. Elas podem ser concebidas como a representação gráfica de um fato social, de acordo a visão crítica do autor.³³

Na literatura de cordel Antônio Conselheiro: O revolucionário de Canudos manifesta o combate aos fazendeiros da região:

Lá na sua vila era
Como um pastor verdadeiro
Pois batizava e casava
Sem cobrar nenhum dinheiro
Não existia ambição
Na vida de Conselheiro.

Assim, do coronelismo
A revolta era tremenda
Por que via o camponês
Sair da sua fazenda
E se unir a Conselheiro
Onde tinha pão e renda.

Nosso Antônio Conselheiro
Indo em Canudos ficar
Contrariava os fazendeiros
E ali começava a pregar
Mostrando grande futuro
Daquele imenso lugar.

Família de vários cantos
Do estado da Bahia,
E também de outros estados
Chegavam ali todo dia
E com os braços abertos
Conselheiro as recebia.³⁴

LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandro Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010. p. 315.

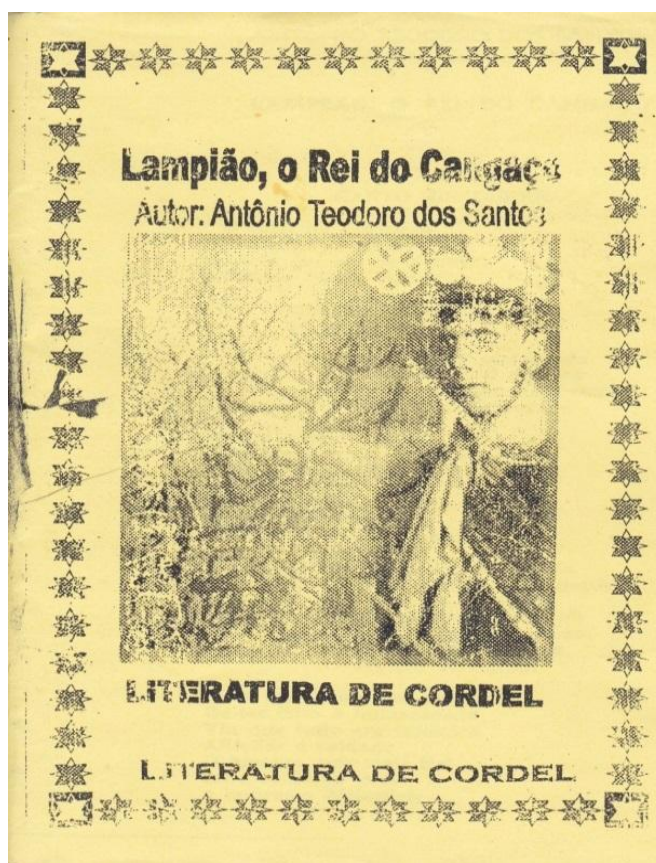
³³ SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandro Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010. p. 317.

³⁴ CABRAL, João Firmino; DANTAS, Ronaldo Dória. Antônio Conselheiro: O revolucionário de Canudos. Fortaleza: Tupynanquim, 2010, p. 4 e 5.

Dessa forma, através da literatura de cordel podem-se abordar temas históricos e relacionar a atualidades de forma reflexiva e crítica, com o objetivo de suscitar o aluno, a analisar sua realidade e a partir de então, contribuir para uma sociedade mais igualitária.

3. UM NORDESTE EM VERSO E PROSA: ENSINO DE HISTÓRIA NOS FOLHETOS

FIGURA IV³⁵
CAPA DO CORDEL LAMPIÃO, O REI DO CANGAÇO



Numa perspectiva de métodos de ensino que contribua para uma aprendizagem significativa, Silva (Et al) comentam sobre a linguagem alternativa como forma de abordar conteúdos. Por conseguinte, o cordel destaca-se como fonte de erudição popular ressaltando a etnia, hábitos e costumes regionais. Precisamos levar em consideração a influência que o cordel pode proporcionar no que se refere à assimilação da temática:

Nos últimos anos, identifica-se a utilização de novos métodos e técnicas para o ensino, pautadas em diversas tecnologias, sejam elas contemporâneas ou tradicionais. Ou seja, o uso de linguagens alternativas e novas formas de

³⁵ SANTOS, Antônio Teodoro dos. Lampião, o Rei do Cangaço. [se], [sl], [sd], p. 01-34.

apresentar conteúdos. Entre elas, destacamos aqui, a literatura de cordel, como linguagem alternativa para promover significado ao ensino.³⁶

Assim sendo, torna-se estratégico o ensino-aprendizagem da história a partir da literatura de cordel como recurso didático. Para o entendimento da tradição nordestina, Santos descreve sobre as condições sociais na ocasião em que é dada a rima:

Canto de guerra

O fuzil de Lampeão
É coberto de metá
A bala que sai de dentro
Cantano “Mulé Rendá.”

“Olê, mulé rendêra...
Olê, mulé rendá...”

“Tú m’insina fazê renda
Qu’eu t’insino a namorá
Chorou por mim num fica
Soluçou vai no borná!”

Nestes versos sertanejos
Escritos por minha mão
Baseado nas memórias
Do cangaço no sertão
Vou descrever o destino
Do capitão Virgulino
Que se chama Lampeão.

Cada pessoa, no mundo
Tem de cumprir seu destino:
Um rico e sossegado
Outro pobre e peregrino
Erra outro passo a passo
Igual o rei do cangaço
O capitão Virgulino!³⁷

A valorização da cultura nordestina está impregnada nos folhetos da literatura de cordel, visto que expõe o elemento sócio cultural dessa região. Dado que Silva (Et al) apresenta a seguinte reflexão sobre a questão: “[...] Literatura de cordel consiste numa arte poética que retrata as raízes nordestinas e, ao mesmo tempo, retrata a realidade e a ficção. Os

³⁶ SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010. p. 305.

³⁷ SANTOS, Antônio Teodoro dos. Lampeão, o Rei do Cangaço. [se], [sl], [sd], p. 3.

temas abordados envolvem desde a ficção até temas de cunho social, discutidos pela sociedade”.³⁸

Cabral e Dantas manifestam no folheto de Antônio Conselheiro características peculiares vivenciada pela população nordestina, posto que os hábitos regionais ficam visíveis nos versos abaixo:

Um povo pobre e carente
Que outrora era massacrado
Pelos fazendeiros maus
Lutando sem resultado
Agora ali em Canudos
Iam viver descansado.

Trabalhavam, porém tinha
A mesa farta de pão
Porque ali se plantava
Arroz, mandioca e feijão
Se criava no terreiro
Galinha, bode e leitão.³⁹

O povo nordestino refém da desigualdade social, almejado por Antônio conselheiro a equidade social, para a generalidade de direitos numa região tão massacrada pelos coronéis exploradores, são detalhados nos relatados dos folhetos.

Vou versar mais um folheto
Com base e inspiração
Sobre Antônio conselheiro
Um beato do sertão
Que tinha um sonho na mente
Brotando no coração.

Antônio Vicente Mendes
Autodidata e caixeiro
Um honrado cearense
Que traçou o seu roteiro
De cumprir sua missão
Com proposito verdadeiro.

Lá em Quixeramobim
No sertão do Ceará
Antônio viveu feliz
Naquelas bandas de lá

³⁸ SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010, p. 305.

³⁹ CABRAL, João Firmino; DANTAS, Ronaldo Dória. Antônio Conselheiro: O revolucionário de Canudos. Fortaleza: Tupynanquim, 2010, p. 05.

Mas por questões e problemas
Ele mudou-se pra cá.

Veio pro sertão baiano
Em Monte Santo chegou
Vestido uma túnica azul
A barba não mais cortou
Com a bíblia e um cajado
Nessa região ficou.

[...] Nessa região carente
De paz espiritual
Aonde uns tem demais
E outros passam tão mal,
Eu quero que todos tenham
O mesmo direito igual.

[...] O coronel sertanejo
É quem mais explora o pobre
Que vive como escravo
Sem pão, sem roupa e sem cobre
Sempre debaixo dos pés
Da gente chamada “nobre”.⁴⁰

As especificidades e costumes locais são apresentados por Cabral, na canção de Caldas e Cavalcante, por conseguinte, Silva (Et al) afirma que a cultura é heterogênea diante de diversos fatores, assim sendo, multidisciplinar.

Boiadeiro
Vai boiadeiro que a noite já vem
Guarda deu gado e vai pra junto de teu bem.
De manhãzinha quando eu sigo pela estrada
Minha boiada prá internada eu vou levar
São dez cabeças, é muito pouco, é quase nada
Mas não tem outras mais bonitas no lugar.
Vai boiadeiro que a noite já vem
Leva teu gado e vai pensando no teu bem.
De tardezinha quando eu venho pela estrada
A filharada tá todinha a me esperar
São dez finho, é muito pouco, é quase nada,
Mas não tem outras mais bonitas no lugar. [...] ⁴¹

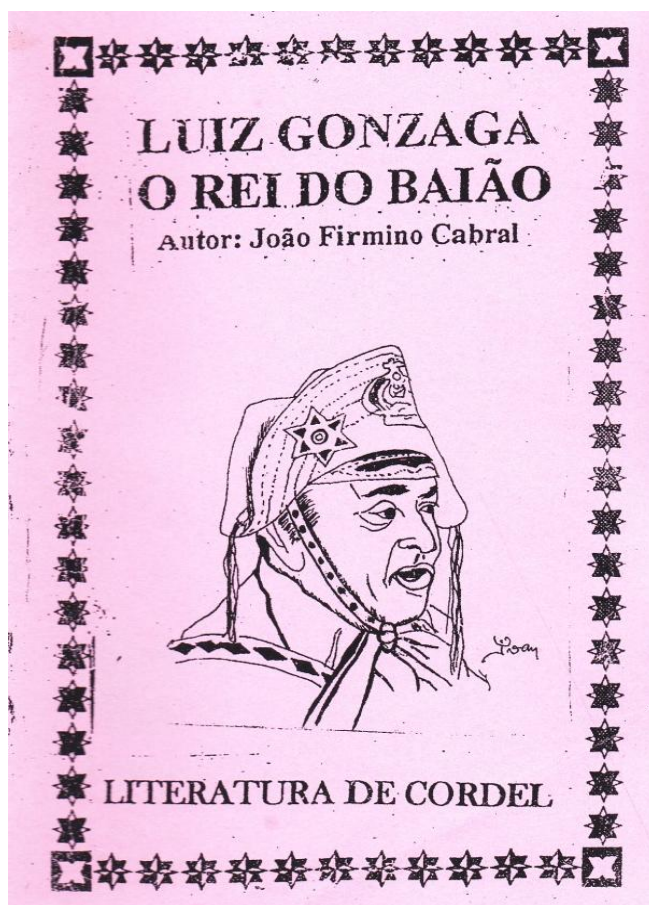
FIGURA V⁴²

⁴⁰ CABRAL, João Firmino; DANTAS, Ronaldo Dória. Antônio Conselheiro: O revolucionário de Canudos. Fortaleza: Tupynanquim, 2010, p. 01 e 02.

⁴¹ CABRAL, João Firmino. Luiz Gonzaga: O Rei do Baião. São Paulo: Luzeiro, 1989. p. 14.

⁴² CABRAL, João Firmino. Luiz Gonzaga: O Rei do Baião. São Paulo: Luzeiro, 1989. p. 01-32.

CAPA DO CORDEL LUIZ GONZAGA O REI DO BAIÃO



Segundo Silva (Et al):

É preciso perceber a manifestação cultural popular como heterogênea. Ela não é algo homogêneo ou uniforme. Ela pode variar de acordo com diversos fatores, como: de época para época (tempo), de espaço para espaço (região), de meio social para meio social (classe social), etc. Assim, é necessário perceber a cultura popular em seu caráter multidisciplinar.⁴³

Partindo desse pressuposto, faz-se necessário refletir acerca dos métodos e ferramentas ao que se refere ao ensino-aprendizagem na atualidade. Os desafios de lecionar são notórios, dado que a tecnologia avança ao decorrer do tempo, e hábito como leitura dos folhetos, de certa forma, perde espaço. Contudo, cabe ao professor apresentar e despertar o interesse para a apreciação do cordel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴³ SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010. p. 311.

Ao decorrer deste artigo foram explanadas acepções referentes às contribuições da literatura de cordel como ferramenta de ensino. Por conseguinte, podemos atribuir o folheto como fonte de erudição popular, dado que relata o passado por percepções de autores que prezam a cultura do povo. Assim sendo, evidenciam as dificuldades, destrezas e perseveranças do nordestino, de forma peculiar. Logo, enriquecendo as rimas e versos com valores inato dos costumes regionais.

“[...] acreditamos que a literatura de cordel oferece diversas possibilidades de trabalho [...], pelo fato de ser recurso de produção de conhecimento engajado na realidade. Dessa forma, concebemos esse tipo de literatura como um instrumento cultural que produz conhecimento, que está voltado para atenuar as diferenças”.⁴⁴

“[...] o uso da literatura de cordel no processo de ensino-aprendizagem representa a inserção de ações pedagógicas voltadas à construção do conhecimento de forma crítica e atreladas à realidade”.⁴⁵ Atualmente, utilizar metodologias significativas de ensino-aprendizagem, tornou-se um desafio para professores. Diante desse aspecto, o método tradicional compeliu para o sistema alienado, por conseguinte ultrapassado. Nessa perspectiva, foi enfatizada a literatura de cordel como recurso didático do ensino da História, para mediar discursões acerca do passado e reflexão a respeito do presente e futuro. Desta forma, a partir dos folhetos, é possível problematizar assuntos pertinentes do cotidiano.

A literatura de cordel propicia a criação de atitudes críticas e reflexivas no aluno, uma vez que leva o aluno a refletir sobre as temáticas abordadas. Dessa maneira, esse recurso leva o aluno a refletir, problematizar, reformular conceitos, rever posturas, relacionar e, especialmente, superar uma visão restrita de mundo. Com isso, altera-se a as relações tradicionais de ensino-aprendizagem, a qual dá ênfase aos aspectos decorativos. Permitir aos professores, conseqüentemente aos alunos, o desenvolvimento do senso crítico e análise reflexiva através da expressão oral e escrita.⁴⁶

⁴⁴ SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010. p. 315.

⁴⁵ SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010. p. 320.

⁴⁶ SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, 2010. p. 318.

O nordeste opimo de história contempla a tradição popular em múltiplos contextos sociais e culturais. À vista disso, concerne em conhecimentos elementares narrados na literatura de cordel.

Partindo desse preceito, a literatura de cordel apresenta à realidade vivenciada de forma circunstancial, atrelada a versos e metrificacão de rimas. Conseqüentemente, o professor pode mediar o conhecimento e desse modo, suscitar a discursão, com o objetivo de formar alunos críticos prontos para exercer sua cidadania e conscientes dos seus deveres.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, João Firmino. Luiz Gonzaga: O Rei do Baião. São Paulo: Luzeiro, 1989. p. 01-32.
- CABRAL, João Firmino; DANTAS, Ronaldo Dória. Antônio Conselheiro: O revolucionário de Canudos. Fortaleza: Tupynanquim, 2010, p. 01-16.
- LEITE, José Costa. A voz de Frei Damião. Fortaleza: [se], 2014, p. 01-08.
- RINARÉ, Rouxinou do. Seu Lunga O Rei do Mau-Humor. Fortaleza: Tupynanquim, 2006, p. 01-16.
- SANTOS, Antônio Teodoro dos. Lampião, o Rei do Cangaço. [se], [sl], [sd], p. 01-34.
- ABREU, Márcia. "Então se forma a história bonita": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. Horizontes antropológicos. [online]. vol.10, n.22, p. 199-218. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n22/22701.pdf> . Consultado em: 25 março 2015.
- ASSIS, Regiane Alves de; TENÓRIO, Carolina Martins e CALLEGARO, Tânia. Literatura de cordel como fonte de informação. CRB-8 Digital. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 03-21. 2012. Disponível em: <http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/66/68>. Consultado em: 28 março 2015.
- Cascudo LC. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10ª ed. ilus. São Paulo (SP): Global; 2001.
- Galvão AMO. Oralidade, memória e a mediação do outro: Práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização: o caso do cordel (1930-1950). Educação Soc 2002 dez; 23(81): 115-42.
- OLIVEIRA, Paula Marciana Pinheiro; REBOUCAS, Cristiana Brasil de Almeida; PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag. Literatura de cordel como meio de promoção para o

aleitamento materno. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 217-223, jun. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000200003&lng=pt&nrm=iso>. Consultado em: 08 Abril 2015.

SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandro Cardoso. Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 304-322. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/viewFile/603/539> Consultado em 06 maio 2015.

Artigo recebido em 20 de junho de 2015.

Aprovado em 08 de agosto de 2015.